

Desejo mimético, redes sociais e suicídio: possíveis contribuições das concepções cristã e budista

*Mimetic desire, social networks and suicide:
possible contributions from christian
and buddhist conceptions*

*Blanches de Paula
Felipe Donadon*

Resumo

A morte é uma condição irrevogável para todos os seres vivos, mas que, a depender das circunstâncias, acaba sendo buscada ou até mesmo desejada ao passo que para tantos outros é sinônimo de medo e receios. O presente artigo visa fazer uma análise sobre o desejo mimético, as redes sociais e o ato suicida, assim como trazer reflexões possíveis através das perspectivas cristã e budista que possam contribuir para formas de lidar com o sofrimento existencial. Com o objetivo de versarmos sobre as possíveis influências desta condição existencial tão controversa é que buscamos na primeira seção abordar a influência das redes sociais com o suicídio. Na segunda seção, trataremos sobre o desejo mimético e suas representações nas redes sociais. Por fim, apresentaremos algumas considerações do budismo e do cristianismo frente ao suicídio, com ênfase na compaixão. Espera-se que essa pesquisa auxilie com reflexões sobre o sentido da vida diante do desejo mimético e suicídio.

Palavras-chave: Desejo Mimético. Suicídio. Budismo. Cristianismo. Compaixão.

Abstract

Death is an irrevocable condition for all living beings but that, depending on the circumstances, ends up being sought or even longed for whereas for so many others it is a synonym of fear and apprehension. The article at hand aims for an analysis of mimetic desire, social networks and the suicidal act, as well as bringing possible reflections through the christian and buddhist perspectives which may contribute in ways of dealing with the existential suffering. With the objective of traversing about some possible influences to such a controversial existential condition is that we seek in the first section to approach the influence of social networks with suicide. In the second section we deal with mimetic desire and its representation on social networks. Finally, we present some considerations from buddhism and christianism in the face of suicide, with emphasis in compassion. It is hoped that this research may aid with reflections about the meaning of life when faced with the mimetic desire and suicide.

Keywords: Mimetic Desire. Suicide. Buddhism. Christianity. Compassion.

Introdução

A morte é certamente um dos maiores receios e fontes de ponderação para nós, humanos, que possuímos consciência da nossa própria finitude. Ainda mais impactante do que a noção da mortalidade, talvez seja como certas pessoas tendem a desenvolver um desejo direcionado à ela e acabam buscando medidas para darem fim à própria vida. Além do impacto e mal-estar que é gerado ao entrarmos em contato com situações deste tipo, mostra-se necessário considerarmos o que afinal de contas proporcionou que ocorresse tanta aflição para que realizassem tais atos contra a sua própria existência.

Ao nos debruçarmos sobre o tema do suicídio, encontraremos diversas facetas dos seus prováveis motivos e questionamentos sobre como determinada pessoa chegou até esta conclusão e ação tão extremas. Porém, talvez mais importante do que compreendermos exatamente como estas circunstâncias se deram, seja potencialmente considerarmos a possibilidade de prevenirmos para que situações semelhantes não se repitam no futuro. Assim, observando as direções e interações que nosso mundo e nós estamos sujeitos, e o quanto elas nos afetam, instigando ou amenizando com que nossas vontades sejam

direcionadas de um modo ou de outro, podemos começar a investigar possíveis maneiras sobre como enfrentar o problema em mãos.

É observável que a nossa interação com a tecnologia também modificou drasticamente as formas como nos relacionamos com os nossos pares, e também com os desejos que surgem a partir desses contatos. Aliás, é bem possível que justamente esta busca desenfreada de tal saciedade pelos meios virtuais seja uma das características responsáveis pela exacerbação de sensações e sentimentos como a angústia ou aflição que muitas vezes envolvem o quadro suicida.

Deste modo, buscamos compreender as condições das quais emergem estes sentimentos pela exposição de determinados padrões como fonte de prazer ou sentido para a vida através das redes virtuais. Partindo disso, nos questionamos sobre como propiciar e dialogar com demais campos do saber de forma a buscar uma construção de novos significados e percepções, que dessem cabo à esta irrefreada ânsia que parece ser uma das condições para frustrações e desilusões que tendem a confluir com o direcionamento para o suicídio.

Por fim, propomos um diálogo introdutório entre as perspectivas budistas e cristãs para uma compreensão desta angústia existencial, e de suas possíveis interpretações dentro do campo religioso. Assim, exploraremos as potenciais correlações entre a busca desenfreada pela satisfação sensorial e a ideiação suicida, permeada pela exposição exacerbada que sofremos através das redes sociais. Com isso, buscam-se possíveis contribuições para a ressignificação destes padrões que nos são repassados com o auxílio das concepções budistas e cristãs.

1. Suicídio e algumas considerações sobre as redes sociais

É difícil sabermos com exatidão qual a motivação principal para cada ato de suicídio cometido, mas ainda assim é possível considerarmos algumas perspectivas para buscar compreender melhor os mecanismos que forjam e direcionam a mente suicida. Pessoas suicidas muitas vezes tendem a um tipo de agressão contra si mesmas, como a automutilação, bem como fantasias sobre o ato. Além disso, também parece ocorrer condições como a sensação de sentir-se preso, incapacitado ou ainda subjugado de tal forma que as relações interpessoais são desvalorizadas e diminuem para uma única pessoa ou até o completo isolamento social.¹

Precisamos observar que as condições que levam a pessoa a dar um fim à própria vida apesar de serem múltiplas e particulares para cada um, possuem

¹ CAMPBELL, D.; HALE, R., Working in the dark, p. 50.

elementos em comum que permeiam as suas histórias. Talvez o elemento mais evidente compartilhado entre as histórias tanto daqueles sobreviventes que nos contam o que sentiam e pensavam, quanto pelas cartas ou bilhetes deixados pelos suicidas, é justamente a perspectiva da realidade que se resume ao sofrimento.

Em seu livro “Autopsy of a Suicidal Mind”, Edwin S. Shneidman analisa o caso de um jovem suicida, Arthur, e faz o seguinte comentário sobre a carta que foi deixada pelo garoto: “He says it all in the first paragraph, in the first five words: ‘All I do is suffer’, and then, ‘Every moment is pain’”.² O sofrimento e a dor incessantes parecem ser uma característica que permeia quase como uma assombração a existência do garoto e como alternativa para se livrar deste tormento, a cessação da sua existência pareceu ser mais como uma tentativa de fazer parar a dor.

Além da condição de sofrimento latente, outro aspecto que se mostra presente nestes casos de suicídio parece ser o pessimismo e a tentativa de adequação a um parâmetro ideal do que seria a felicidade que se mostra inalcançável. Recontando sobre o caso de Arthur, Shneidman comenta:

He feels pessimistic about any future. Some time ago, early in his life, he formed a fixed idea, a flawed concept of what tolerable happiness might be, but his great tragedy was that he defined it in such a way that he could never attain it. It is present from the very beginning, in the very first few sentences. It is the pain, the enduring psychological pain that darkens his life. It is a pain that, in his psyche, is unbearable, intolerable, unendurable, and unacceptable. In his terms, it is better to stop the cacophony in his mind than to endure the unbearable noise.³

Em uma reportagem da UOL (Universo Online), é comentado sobre casos brasileiros de hostilização aos adolescentes frente a outros colegas por possuírem características diferentes ou que se desviam da normativa e, por conseguinte, surge o sofrimento que predispõe o jovem a desenvolver

² Tradução nossa: Ele diz tudo no primeiro parágrafo, nas primeiras cinco palavras: “Tudo o que eu faço é sofrer”, e então, “Todo momento é dor”. SHNEIDMAN, E. S., *Autopsy of a Suicidal Mind*, p. 29.

³ Tradução nossa: “Ele se sente pessimista sobre qualquer futuro. Algum tempo atrás, no início de sua vida, ele formou uma ideia fixa, um conceito falho do que uma alegria tolerável deveria ser, mas a sua grande tragédia foi que ele a definiu de tal maneira que ele nunca conseguiria obtê-la. Isso está presente logo de início, logo nas primeiras sentenças. É a dor, a dor psicológica contínua que escurece a sua vida. É uma dor que, na psique dele, é insuportável, intolerável e inaceitável. Nos seus termos, é melhor parar a cacofonia em sua mente do que aguentar aquele barulho insuportável”. SHNEIDMAN, E. S., *Autopsy of a Suicidal Mind*, p. 29.

distúrbios psíquicos e que podem acarretar na ideação suicida. Como agravante, as redes sociais parecem em determinados casos incentivar ainda mais práticas que levem a pessoa ao suicídio, ao invés de oferecer ajuda e apoio para aquele que esteja passando por potenciais dificuldades.⁴

É ainda possível observar em outros casos, como ocorreu nos Estados Unidos, a busca por um padrão estipulado. Em uma reportagem do canal CBS (Columbia Broadcasting System) News, que entrevista a mãe de um garoto que se suicidou, fica evidente na carta do jovem, Nigel, o quanto ele buscava se adequar a um padrão dito normal, mas que não conseguia. A mãe do jovem comenta que há muito o que suportar por ser negra, quanto mais na condição de seu filho que cometeu suicídio que além de ser negro era homossexual.⁵

Dados da Organização Mundial da Saúde (OMS) indicam que, ao redor do mundo o suicídio representa 1,4% das causas de morte. Ainda mais agravante é considerar que entre os jovens de 15 a 29 anos esta foi a segunda principal causa de morte em 2016.⁶ É necessário salientar um outro dado importante, de que os índices de suicídio entre os anos 2000 e 2012 no Brasil tiveram um aumento considerável, de 24,2%, entre as faixas etárias mais jovens, dos 15 aos 19 anos.⁷

Em outras partes do mundo, como nos Estados Unidos, entre o período de 2008 e 2017 houve também um aumento significativo nos casos de suicídio entre jovens com menos de 25 anos, dados que parecem indicar que as tendências culturais das últimas décadas podem ter trazido efeitos sobre distúrbios de humor e demais consequências relacionadas com suicídio nestas faixas etárias.⁸

Uma possibilidade de explicação para o agravante desse tipo de situação nos anos iniciais do século XXI parece ser o aumento no uso das mídias digitais e comunicação eletrônica, de modo que essa modificação nas formas de interação impactaram em distúrbios relacionados ao humor e tentativas de suicídio. Segundo as pesquisas de Lin, L. Y. et al. e de Shakya, H. B.; Christakis, N. A. parece haver relação entre o tempo despendido nas redes sociais, algo que tende a diminuir a interação interpessoal entre pessoas, e sintomas depressivos.⁹

⁴ UOL, Crescimento constante.

⁵ CBS NEWS, Parents of teens who died by suicide hope speaking up will prevent more deaths.

⁶ WORLD HEALTH ORGANIZATION, Suicide.

⁷ WASELFSZ, J. J., Os Jovens do Brasil, p. 184.

⁸ TWENGE J. M., et al., Age, period, and cohort trends in mood disorder indicators and suicide-related outcomes in a nationally representative dataset, 2005-2017, p. 10-13.

⁹ LIN, L. Y. et al., Association between social media use and depression among U.S. young adults, p. 7., SHAKYA, H. B.; CHRISTAKIS, N. A., Association of Facebook use with compromised well-being, p. 210.

Também parece haver uma prevalência entre o uso de mídias sociais e o aumento de sentimentos de isolamento.¹⁰ Por outro lado, conforme Twenge, adolescentes que despendem mais tempo em atividades longe dos celulares ou utilizando mídias sociais, como interações sociais, exercício, e participando de atividades religiosas apresentavam uma correlação negativa com sintomas depressivos. O estudo trabalha com a possibilidade de que o aumento de tempo em atividades ligadas ao uso de mídias sociais e aparelhos eletrônicos ocasiona a diminuição do tempo para as demais atividades que poderia estar relacionado ao aumento de sintomas depressivos e tendências suicidas nesta faixa etária pesquisada.¹¹

Em uma reportagem da revista Time, uma adolescente, Nina, comenta sobre a sua experiência após uma tentativa de suicídio, na qual, durante o período de reabilitação a garota e sua terapeuta identificaram a insegurança da sua auto-imagem como o cerne da sua aflição. Na reportagem, Nina, de 17 anos, comenta: “I was spending a lot of time stalking models on Instagram, and I worried a lot about how I looked”.¹²

Pesquisadores como Sedgwick comentam que a exposição nas mídias sociais e internet tem o potencial tanto de sugerir quanto reforçar pensamentos e comportamentos negativos. Parece haver uma associação entre comentários no Instagram e o aumento na gravidade de comportamentos de automutilação em adolescentes que se relaciona com pré-disposições suicidas.¹³

Outra preocupação que acaba ocorrendo é em como a interação entre as pessoas através da internet pode acabar propiciando tipos de comportamento que seriam prejudiciais para a vida do indivíduo que já tenha uma predisposição suicida. O uso de salas de chat online e fóruns, em que as pessoas podem preservar o seu anonimato, bem como expressar as suas opiniões abertamente, pode ser um ambiente para o compartilhamento de experiências em favor do suicídio, deixando pessoas que já são parte de um grupo de risco mais vulneráveis por influências de outros.¹⁴

Diante desta problemática, frente ao uso das redes sociais pelos adolescentes e o crescente número de casos de suicídio, fica a questão sobre quais os princípios que poderiam estar operando na mente deles, e quais valores acabam trazendo para

¹⁰ SONG, H. et al., Does Facebook make you lonely?, p. 450.

¹¹ TWENGE J. M., et al., Increases in depressive symptoms, suicide-related outcomes, and suicide rates among U.S. adolescents after 2010 and links to increased new media screen-time, p. 11.

¹² Tradução nossa: “Eu estava gastando muito tempo *stalkeando* modelos no Instagram, e eu me preocupava muito sobre como eu parecia”. HEID, M., We Need to Talk About Kids and Smartphones.

¹³ SEDGWICK, R., et al., Social media, internet use and suicide attempts in adolescents, p. 537.

¹⁴ LUXTON, D. D.; JUNE, J. D.; FAIRALL, J. M., Social media and suicide, p. 196.

si mesmos que contribuem para esta percepção distorcida da realidade ao ponto de desejarem tirar a própria vida. O que estaria implicado, possivelmente, através do uso das redes sociais que faz saltar tamanha angústia existencial, muito mais presente nos tempos atuais do que antigamente? Para explorarmos este tema é que o desejo mimético será abordado conforme a perspectiva de René Girard.

2. O desejo mimético e suas representações nas redes sociais

As redes sociais são governadas por parâmetros de beleza e exposições que parecem quase sempre direcionadas para mostrar aos outros o quão boas são as coisas que tem, os momentos que vivem, ou as pessoas com quem se relacionam. Não há como deixar de fora também o aspecto altamente narcisista que há nas redes sociais, em especial por aplicativos como o Instagram. Nelas é possível seguir os ídolos, desde modelos até atores ou cantores e, a partir disso, temos um fácil acesso aos parâmetros que a sociedade dita como enriquecedores de nossas vidas, como glamour, fama, esbanjamento de riquezas, pratos deliciosos, entre outros.

Não é de se espantar que, conforme exposto nas reportagens da TIME e CBS comentadas antes, é relatado pelos adolescentes tamanha preocupação com os seus corpos, a sua aparência e aquilo que possuem, ou deixam de possuir. Estes adolescentes recebem constantemente estímulos sensoriais sobre como a vida de outros, os seus corpos, ou pertences, parecem ser bem mais interessantes ou melhores.

As redes sociais parecem ser como uma porta para as pessoas passarem a se comparar umas com as outras, a se observarem e buscarem a satisfação dos seus desejos que estão além dos seus limites. Uma vez que as necessidades básicas são satisfeitas, mesmo assim, nós humanos permanecemos governados por uma grande e intensa ânsia para possuímos ainda mais do que nos é necessário. Muitas vezes mal se sabe o que é aquilo que se busca, mas o desejo ainda está presente e buscamos saciá-lo a qualquer custo. Quando nós mesmos não sabemos o que é objeto de nosso desejo, aquilo que buscamos, procuramos imitar o desejo de outros, imaginando que aquilo nos trará a saciedade que tanto ansiamos.

Dentro da compreensão do desejo mimético, ocorre o direcionamento baseado no desejo de outrem, partindo desta constituição relacional que o ser humano possui. Parece que, no caso das redes sociais, isto é extrapolado até um nível absurdo, em que temos na palma das nossas mãos sempre um fácil acesso aos modelos de desejo de outras pessoas, e agora mostram para nós, espectadores de vidas alheias com cada nova postagem que surge, e passamos a projetar estes desejos por ainda mais coisas, situações, experiências ou pessoas.

Girard (1996), em seu texto *Eating Disorders and Mimetic Desire* comenta o seguinte sobre estes modelos de desejo: “The individual models of young people reinforce the authority of the collective models which are the media, Hollywood, and television”.¹⁵ Na época em que o texto fora publicado, não havia a existência da internet, ou *smartphones*, que só apareceram posteriormente, mas cremos que se o autor tivesse vislumbrado o que seriam e sobre o que se trata as redes sociais e a internet, certamente estas estariam dentro da categoria de modelos coletivos juntamente com Hollywood e a televisão. Aliás, uma observação a ser mencionada é a de que o acesso às redes sociais e seu conteúdo, no caso, a vida de milhares de pessoas, incluindo famosos, se tornou mais um canal de aproximação, para adentrar a vida pessoal daqueles que antes eram somente vistos através das telas da televisão ou pelos filmes produzidos por Hollywood.

É comentado que, no caso do desejo mimético e os distúrbios alimentares, as pessoas que são afetadas por esta condição passam a ter o mesmo objetivo, que é perder peso, e que para certas pessoas a forma de se conseguir atingir esse objetivo pouco importa desde que ele seja alcançado.¹⁶ A análise feita por esse autor se direciona especificamente para o desejo compulsivo por um padrão que se manifesta nos distúrbios alimentares como a anorexia. Além disso, parece ser possível também se observar essa busca pela obtenção de um ideal a todo custo em outros modos de relação para além desta cadeia de distúrbios.

Levando-se em consideração que estes problemas mencionados surgem advindos da tentativa de adequação frente à um modelo social esperado, sendo direcionado por vias do desejo mimético, uma situação similar parecia se manifestar nos relatos de caso apresentados pela reportagem da CBS citada anteriormente. No caso da adolescente, o modelo repassado através do Instagram parece ter se mesclado de tal maneira com a própria imaginação, sobre o que seria desejável dentro de parâmetros sociais, que se tornou inatingível e também um peso, uma sentença da impossibilidade de se “adequar”. Possivelmente, seria necessário uma forma de análise mais aprofundada das adolescentes junto com os terapeutas, mas cabe a consideração de como a impossibilidade de se atingir um patamar de imagem específico e ser constantemente lembradas por estímulos que remetem a atributos os quais não se possui, tende a causar sentimentos de angústia, ansiedade, até mesmo depressão.

De um modo paradoxal, a busca por um ideal dentro de nossa fantasia, que esperávamos nos conceder o prazer e bem-estar observados na superfície

¹⁵ Tradução nossa: “Os modelos individuais das pessoas jovens reforçam a autoridade dos modelos coletivos que são a mídia, Hollywood e televisão”. GIRARD, R., *Eating disorders and mimetic desire*, p. 3.

¹⁶ GIRARD, R., *Eating disorders and mimetic desire*, p. 4.

daqueles que temos como modelos para nós, acaba demonstrando justamente o nosso estado de insatisfação frente a nossa condição atual. No caso, mesmo que busquemos pela saciedade, através desta incitação do desejo por algo melhor, isto acaba nos trazendo mais miséria e esvaziamento.

Conforme apontado por Girard:

If we were happy with ourselves, we should not have to look out for anything, we should not always be on the lookout. When we look around, most of us discover that, far from being number one, we are lost in the crowd. In everything that matters to us, there is always someone who seems superior, in looks, in intelligence, in wealth, and most dreadful of all these days, in slenderness.¹⁷

Parece sempre estar presente esta condição que nos remete àquilo que não possuímos ou o que não somos, que gera uma revolta, um senso de insatisfação constante de quem nós somos, como uma forma imperfeita que nunca vê a possibilidade de se acertar, pois a cada vez que nos aproximamos da realização de um desejo, aparecem outros modelos nas redes sociais. A todo momento somos lembrados pela internet e pela mídia, como as realizações das outras pessoas estão sempre presentes de maneira fixa, estática, e permanente no tempo, algo que também nos coíbe de sabermos o que foi necessário para alcançar aquilo. Observamos somente o produto final, sem sabermos que talvez, assim como nós, dificuldades tiveram de ser transpostas, dores precisaram ser superadas. Tudo o que percebemos é a aparência de uma suposta felicidade instantânea, estampada pelas fotos, sem saber o que verdadeiramente se encontra por detrás desta fachada. Talvez escondendo a mesma carência e falta de sentido que muitas vezes nós buscamos suprir, através deste desejo mimetizado, direcionado para as experiências, posses e até cônjuges de outras pessoas.

Assim também é habilmente demonstrada essa condição por Girard: “As long as we are not provided with a goal worthy of our emptiness we will copy the emptiness of others and constantly regenerate the hell from which we are

¹⁷ Tradução nossa: “Se nós estivéssemos felizes conosco mesmos, não deveríamos ter que buscar por qualquer coisa, nós não deveríamos estar constantemente vasculhando. Quando olhamos à nossa volta, a maioria de nós descobre que, longe de sermos o número um, estamos perdidos na multidão. Em tudo o que importa para nós, há sempre alguém que parece superior, em aparência, em inteligência, em riqueza, e o mais espantoso de todos nestes dias, em magreza”. GIRARD, R., *Eating disorders and mimetic desire*, p. 7.

trying to escape”.¹⁸ Interessante perceber como Girard parece se aproximar bastante da concepção budista de existência cíclica dentro dos sofrimentos, ao comentar sobre a nossa busca incessante por objetivos que constantemente nos travam dentro do próprio inferno que buscamos escapar, e que no caso poderiam ser análogos aos estados mentais e emocionais.

Pelo que é exposto pelo autor sobre o desejo mimético, enquanto ficarmos incessantemente buscando um significado ou direcionamento próprio com base naquilo que os outros postulam para si como objetivos dignos (muitas vezes baseados na satisfação dos prazeres sensoriais), não seremos capazes de sairmos desta própria prisão que muitas vezes se tornam os nossos pensamentos e interpretações da realidade. Podemos considerar sobre como, potencialmente, tais pensamentos e considerações podem trazer consigo a melancolia, angústia e toda uma vasta gama de sentimentos que, caso sejam perpetuados durante um longo tempo, podem desencadear em distúrbios depressivos, potencialmente aproximando a pessoa ainda mais de tendências suicidas e autodestrutivas.

Sendo assim, de que maneira seria possível para nós, que estamos constantemente expostos à uma enxurrada de informações e estímulos sobre como a vida de terceiros deveria ser um molde para nossa alegria, felicidade, bem-estar, caso possuíssemos aquilo que eles têm, suas posses, seu status, corpos, estilo de vida, mas que de forma última não trazem nada além de uma reprodução vazia de desejos e vontades que parecem nunca serem satisfeitos? Como foi possível ver em vários casos que destacados pela mídia nos últimos anos, nem riqueza ou fama parecem aplacar o vazio existencial da depressão quando ela se instala, nem para pessoas famosas, que são consideradas por alguns a epítome a ser atingida, e que por sua vez também acabaram tomando a decisão de cessar a angústia existencial através do suicídio.

Poderíamos citar alguns casos, por exemplo, de cantores famosos como Chris Cornell e Chester Bennington, que em 2017 tiraram suas próprias vidas. Ambos possuíam fama e uma boa condição de vida, mas também enfrentavam históricos de depressão e ideação suicida, algo que nos levanta a questão se as conquistas idolatradas pela nossa sociedade, como posses ou fama, são realmente fontes seguras de felicidade e bem-estar. Estes são apenas alguns exemplos de situações que tiveram repercussão internacional em meio a tantos outros exemplos que não são retratados pela mídia. Considerá-los pode nos servir de vislumbre para percebermos que talvez a resposta para as angústias que nos acometem não se

¹⁸ Tradução nossa: “Contanto que nós não sejamos providenciados com um objetivo digno do nosso vazio, nós iremos copiar o vazio de outros e constantemente regenerar o inferno do qual nós estamos tentando escapar”. GIRARD, R., *Eating disorders and mimetic desire*, p. 8.

encontra nos valores que adotamos indiscriminadamente, seja a fama, status ou riqueza, e os quais buscamos nos agarrar como se fosse uma espécie de refúgio contra as tormentas mentais e emocionais.

Nas próximas seções buscaremos trazer algumas reflexões sobre como as perspectivas budistas e cristãs poderiam auxiliar a mitigar esse esvaziamento de sentido que muitas vezes acaba nos direcionando para uma busca desenfreada por prazeres e sensações, e que tende somente a nos gerar ainda mais angústias e sofrimentos.

3. Considerações budistas e cristãs frente ao suicídio

Dentro da perspectiva budista leva-se em consideração que todos os seres, sem exceção, almejam a felicidade, e procuram evitar aquilo que os faz sofrer. Ao ponderarmos sobre esta busca que temos latente em nós, pelo viés budista não se toma por base um quadro comparativo ou competitivo com o outro, mas na realidade o de equanimidade. Por justamente partilhar-se destas vontades e condições presentes em nós, humanos, tanto para a alegria quanto para o sofrimento, é que considera-se não o isolamento ou distanciamento da minha pessoa com o outro, mas a conexão e dependência que possuímos com nossos pares.¹⁹

Ocorre, assim, uma distinção daquele direcionamento que parece envolver e atar a pessoa em aflições, angústias ou desejos que não se consegue sanar. Precisamos considerar então até que ponto as tendências suicidas acabam se manifestando justamente por esta dificuldade em observar-se para além da própria dor. De outro modo, levanta-se um foco particular aqui, não mais aquele de uma centralização que passa a desconsiderar o entorno, mas na realidade adotaria-se uma observação que se dispõe para ir além dessa centralização exacerbada no meu “eu”, que parece ser uma fonte de problemas e sofrimentos constantes.

Ao trazermos este tipo de consideração podemos iniciar a criação de um senso de partilha das nossas condições existenciais, através, por exemplo, da possibilidade do estabelecimento de altruísmo e de empatia. Desta forma, seria trabalhada uma percepção que se estende para um outro escopo que não somente aquele de uma perspectiva estritamente pessoal de nossas dores e angústias, ou ainda sobre a comparação com outros que acaba, por vezes, sendo exacerbada pelo mimetismo dos desejos.

No que diz respeito ao desejo mimético, este parece estar ligado de forma intrincada com aspectos comparativos que nós possuímos frente aqueles com quem

¹⁹ LAMA, XIV D., Nas Minhas Palavras, p. 22.

nos relacionamos e através dos quais buscamos parametrizar os graus de satisfação que possuímos. Sobre esta condição, o Dalai Lama faz o seguinte comentário:

O que determina nossa percepção e nosso nível de satisfação? Nossa sensação de contentamento sofre forte influência da nossa tendência à comparação. Se compararmos nossa situação atual com nosso passado e concluímos que estamos em melhor situação, sentimos-nos felizes. (...) Também olhamos à nossa volta e nos comparamos com os outros. Por maior que seja nossa renda, nossa tendência é sentir insatisfação se nosso vizinho estiver ganhando mais.²⁰

Por ponderarmos nestas demais possibilidades de interpretações da realidade, e que levam em conta outros princípios diante dos nossos pares, como no caso citado, do contentamento, isso pode nos tirar da posição de perpétua busca seja pela nossa própria gratificação quanto pelos prazeres. Busca esta que, por sua vez, pode vir a balizar comportamentos que venham a exacerbar ainda mais sentimentos de isolamento e desconexão em relação aos outros.

Ao refletirmos sobre as características detrimenais do isolamento, observaremos, em muitos casos, que deixarmos de ter acesso à outras perspectivas e visões, além daquelas que nós já estamos habituados, mas que muitas vezes se mostram deturpadas e distorcidas, de tal maneira que fica em evidência a presente necessidade de estreitarmos as nossas relações e conexões com as demais pessoas.

Consideramos neste caso a condição existencial, do outro, como similar à nossa, de seres que se impelem à felicidade e não almejam o sofrimento. Justamente esta observação quanto ao sofrimento alheio pelo viés de que nenhum ser o deseja, mas que assim como nós todos também buscamos por essa felicidade, é o princípio da compaixão budista. Esta seria uma possibilidade de oposição ao tipo de pensamento pelo qual constantemente se veria uns aos outros sob o prisma da competitividade, seja pelo apego àquilo que desejamos, ou pela inveja e frustração por possuírem aquilo que não temos mas ainda assim buscamos.²¹

Deste modo, observa-se a necessidade de um olhar compassivo e de cuidado frente àqueles que tendem ao suicídio, de modo que se possa trazer mais compreensão e possibilidade de acolhimento ao invés de críticas ou ainda uma percepção de julgamentos.

Em relação ao olhar cristão sobre o suicídio, adentramos num campo ainda pouco explorado teologicamente. Possivelmente porque esse é um tema

²⁰ LAMA, XIV D., A Arte da Felicidade, p. 24.

²¹ LAMA, XIV D., Uma Ética para o novo milênio, p. 38.

tabu e um posicionamento já dado pela Igreja Cristã: o suicídio é um pecado contra a vida criada por Deus. A defesa da vida é a bandeira cristã em todas as suas dimensões. Encontramos no catecismo da Igreja Católica Apostólica Romana uma seção com quatro parágrafos sobre o tema do suicídio em que podemos ver claramente que este é considerado uma ofensa ou seja uma atitude reprovada por Deus. Destacamos abaixo os parágrafos 2281, 2282 e 2283 do Catecismo da Igreja Católica.

2281. O suicídio contraria a inclinação natural do ser humano para conservar e perpetuar a sua vida. É gravemente contrário ao justo amor de si mesmo. Ofende igualmente o amor do próximo, porque quebra injustamente os laços de solidariedade com as sociedades familiar, nacional e humana, em relação às quais temos obrigações a cumprir. O suicídio é contrário ao amor do Deus vivo. **2282.** Se for cometido com a intenção de servir de exemplo, sobretudo para os jovens, o suicídio assume ainda a gravidade do escândalo. A cooperação voluntária no suicídio é contrária à lei moral. Perturbações psíquicas graves, a angústia ou o temor grave duma provação, dum sofrimento, da tortura, são circunstâncias que podem diminuir a responsabilidade do suicida. **2283.** Não se deve desesperar da salvação eterna das pessoas que se suicidaram. Deus pode, por caminhos que só Ele conhece, oferecer-lhes a ocasião de um arrependimento salutar. A Igreja ora pelas pessoas que atentaram contra a própria vida.²²

Percebe-se que o olhar da Igreja Católica em relação ao suicídio evoca uma quebra do ciclo ‘natural’ da vida e uma espécie de desagrado em relação a Deus. Mas não há uma condenação para quem se suicida, pois, segundo o catecismo católico, Deus pode oferecer um outro caminho para a salvação mediante o arrependimento; talvez, em função disso, orem pela pessoa que se suicidou. No protestantismo não é muito diferente da visão católica sobre o suicídio. O suicídio também é considerado um atentado contra Deus, pois a vida pertence ao Criador.

As igrejas evangélicas, por sua vez, na maioria dos casos, têm uma posição bem mais radical quanto à temática. Condenam todo ato suicida como pecado digno do inferno, que Deus não perdoa. A ideia, seguindo na mesma linha do catolicismo, é que a vida é um dom de Deus e, por

²² CEC 2281-2283.

isso, somente ele pode retirá-la. Desse modo, não é da alçada humana dar fim à própria vida.²³

O pensamento descrito acima não é unânime no protestantismo, pois nem todas as igrejas acreditam numa condenação do suicida por parte de Deus. Acredita-se que Deus age de forma misericordiosa para com o suicida, ou seja, pode alcançar a salvação. O cuidado pastoral em contextos em que o suicídio está presente tem valorizado a solidariedade nesse tipo de perda. A família de uma pessoa que cometeu suicídio vivencia um grande constrangimento sociorreligioso e sendo assim, é fundamental uma presença acolhedora e de amparo por parte das comunidades religiosas. Percebe-se que algumas expressões do protestantismo têm atribuído o suicídio não ao pecado, mas a uma consequência de uma doença psíquica.

Todo/a cristão/ã sabe que a vida é um dom de Deus. Entendemos que é bem possível um crente no Senhor Jesus não pratique conscientemente o suicídio. Os casos mais prováveis seria uma profunda depressão de ordem hereditária proveniente da estrutura genética de cada pessoa, ativada provavelmente através das pressões físicas e emocionais que vive o/a homem/mulher moderno.²⁴

Isso não significa que os discursos condenatórios cessaram, mas percebe-se que vem crescendo pregações que focam na compaixão e solidariedade como uma atitude cristã diante do suicídio. Estar com a pessoa, com a família na sua dor é uma atitude ensinada por Cristo nos Evangelhos: “Em verdade vos afirmo que, sempre que o fizestes a um destes meus pequeninos irmãos, a mim o fizestes” (Mt 25,40). Contudo, o tema do suicídio ainda é pouco abordado nas comunidades de fé, embora tenha crescido o número de materiais de educação cristã. Geralmente quem dialoga sobre suicídio com mais ‘naturalidade’ nas comunidades de fé são as pessoas da área da saúde. Pessoas como psicólogos que frequentam igrejas cristãs acabam tendo mais “facilidade” de trabalhar o tema. Pastores também se aproximam do tema a partir da demanda que são envolvidos com seus paroquianos e no geral observa-se que procuram cuidar da família com escuta e compaixão.

O desafio que o cristianismo apresenta diante do fenômeno do suicídio envolve algumas indagações: até que ponto tirar a própria vida pode fazer de

²³ VELIQ, F., Um olhar teológico sobre a questão do suicídio.

²⁴ NUNES, A. L. C., Esperança à beira do abismo.

alguém, uma pessoa destinada ao inferno? Como a concepção sobre Graça de Deus pode colaborar com uma ação de cuidado mais ampla diante das famílias de pessoas que cometeram suicídio? Certamente há outras indagações diante desse tema que é pouco discutido no cristianismo; porém é importante pontuar que há iniciativas cristãs que tem abordado o tema do suicídio especialmente com a juventude, diante do cenário do vazio existencial que tem atingido de forma avassaladora essa faixa etária. Dessa forma, o cristianismo tem potencial para ampliar sua presença tanto na prevenção como na posvenção contribuindo com a saúde pública na sociedade.

Conclusão

Ter consciência das condições e fatores que moldam a nossa realidade nos dias atuais é indispensável se procuramos ter uma convivência mais pacífica não só com as demais pessoas, mas também conosco mesmos e as nossas vontades que muitas vezes são fontes de angústia. Aliás, talvez mais importante até do que ter consciência destas condições, é relevante que tenhamos algum parâmetro ou um espectro seguro no qual possamos nos abrigar ou nos direcionar para que não acabemos na direção do extremismo da auto-aniquilação por conta de nossas angústias e tormentos existenciais.

Como foi abordado nas concepções budistas e cristãs, no ato suicida existe um sofrimento, e em ambas expressões religiosas, procura-se respeitar esta dor, sem julgamento. Por isso, um caminho para lidar com essa condição humana é a compaixão, que pode colaborar com uma ressignificação da vida. Essa compaixão é um valor apregoado tanto no cristianismo como no budismo. Arrisca-se afirmar que a compaixão é um antídoto contra o desejo mimético.

Desta forma, esperamos que as reflexões acerca da compaixão e outros valores, possam contribuir para um diálogo mais presente nas comunidades religiosas sobre o sentido da vida. Com isso, espera-se que se auxilie as pessoas no enfrentamento de suas dores e sofrimentos. Dessa forma, evitem o caminho de cessação de sua existência por conta dos modelos e padrões que são essencialmente inatingíveis, mas que postulam para nós como sendo o ideal a ser buscado de acordo com a lógica do desejo mimético.

Referências bibliográficas

CAMPBELL, D., HALE, R. **Working in the dark**: understanding the pre-suicide state of mind. New York: Routledge, 2017.

CATECISMO DA IGREJA CATÓLICA, parágrafos 2196-2557. Disponível em:

<http://www.vatican.va/archive/cathechism_po/index_new/p3s2cap2_2196-2557_po.html>. Acesso em: 27 fev. 2021.

CBS NEWS. Parents of teens who died by suicide hope speaking up will prevent more deaths. **CBS News**, 1 nov. 2019. Disponível em: <<https://www.cbsnews.com/news/teen-suicide-social-media-bullying-mental-health-contributing-to-rise-in-deaths/>>. Acesso em: 10 jun. 2020.

GIRARD, R. Eating disorders and mimetic desire. **Contagion: Journal of Violence, Mimesis, and Culture** v. 3, p. 1–20, 1996. Disponível em: <https://www.uibk.ac.at/theol/cover/contagion/contagion3/contagion03_girard.pdf>. Acesso em: 10 jun. 2020.

HEID, M. We Need to Talk About Kids and Smartphones. **Time**, 10 out. 2017. Disponível em: <<https://time.com/4974863/kids-smartphones-depression/>>. Acesso em: 10 jun. 2020.

LAMA, XIV D. **A Arte da Felicidade**. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

LAMA, XIV D. **Uma Ética para o novo milênio**. Rio de Janeiro: Sextante, 2000.

LAMA, XIV D. **Nas Minhas Palavras**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2011.

LIN, L. Y. et al. Association between social media use and depression among U.S. young adults. **Depression and Anxiety**, v. 33, p. 323–331, 2016. Disponível em: <<https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pmc/articles/PMC4853817/pdf/nihms749957.pdf>>. Acesso em: 10 jun. 2020.

LUXTON, D. D.; JUNE, J. D.; FAIRALL, J. M. Social media and suicide: a public health perspective. **Am J Public Health**. v. 102, suppl 2, p. 195-200, 2012. Disponível em: <<https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pmc/articles/PMC3477910/>>. Acesso em: 10 jun. 2020.

NUNES, A. L. de C. **Esperança à beira do abismo**. Igreja Metodista: Portal Nacional, 19 set. 2013. Disponível em: <<http://www.metodista.org.br/esperanca-a-beira-do-abismo>>. Acesso em: 27 fev. 2021.

SHNEIDMAN, E. S. **Autopsy of a Suicidal Mind**. New York: Oxford University Press, 2004.

SEDGWICK, R. et al. Social media, internet use and suicide attempts in adolescents. **Current Opinion in Psychiatry**, v. 32, n. 6, p. 534-541, 2019. Disponível em: <https://journals.lww.com/co-psychiatry/fulltext/2019/11000/social_media_internet_use_and_suicide_attempts_in.12.aspx>. Acesso em: 10 jun. 2020.

SHAKYA, H. B.; CHRISTAKIS, N. A. Association of Facebook use with compromised well-being: A longitudinal study. **American Journal of Epidemiology**, v. 185, n. 3, p. 203–211, 2017. Disponível em: <<https://academic.oup.com/aje/article/185/3/203/2915143>>. Acesso em: 10 jun. 2020.

SONG, H., et al. Does Facebook make you lonely? A meta analysis. **Computers in Human Behavior**, v. 36, p. 446–452, 2014. Disponível em: <<https://www.sciencedirect.com/science/article/pii/S0747563214002209>>. Acesso em: 10 jun. 2020.

TWENGE J. M. et al. Age, period, and cohort trends in mood disorder indicators and suicide-related outcomes in a nationally representative dataset, 2005-2017. **Journal of Abnormal Psychology**, v. 128, n. 3, p. 185–199, 2018. Disponível em: <<https://www.apa.org/pubs/journals/releases/abn-abn0000410.pdf>> Acesso em: 10 jun. 2020.

TWENGE J. M. et al. Increases in depressive symptoms, suicide-related outcomes, and suicide rates among U.S. adolescents after 2010 and links to increased new media screen-time. **Clinical Psychological Science**, v. 6, p. 3–17, 2017. Disponível em: <<https://journals.sagepub.com/doi/full/10.1177/2167702617723376>>. Acesso em: 10 jun. 2020.

UOL. **Crescimento constante**: Taxa de suicídio entre jovens sobe 10% desde 2002. UOL Notícias, 2017. Disponível em: <<https://noticias.uol.com.br/saude/ultimas->

noticias/bbc/2017/04/22/crescimento-constante-taxa-de-suicidio-entre-jovens-sobe-10-desde-2002.htm>. Acesso em: 07 de fev. 2021.

VELIQ, F. Um olhar teológico sobre a questão do suicídio. **Dom Total**, 19 jul. 2019. Disponível em: <<https://domtotal.com/noticia/1371230/2019/07/um-olhar-teologico-sobre-a-questao-do-suicidio/>>. Acesso em: 27 fev. 2021.

WAISELFISZ, J. J. **Os Jovens do Brasil**. Mapa da Violência, 2014. Disponível em: <http://www.viasseguras.com/content/download/6193/37498/file/Mapa2014_JovensBrasil_Preliminar.pdf>. Acesso em: 29 jun. 2022.

WORLD HEALTH ORGANIZATION. **Suicide**. World Health Organization, 17 jun. 2019. Disponível em: <<https://www.who.int/news-room/fact-sheets/detail/suicide>>. Acesso em: 26 fev. 2021.

Blanches de Paula

Doutora em Ciências da Religião pela Universidade Metodista de São Paulo
Docente do Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião da
Universidade Metodista de São Paulo
São Bernardo do Campo / SP – Brasil
E-mail: blanches.paula@metodista.br

Felipe Donadon

Mestre em Ciências da Religião pela Universidade Metodista de São Paulo
São Bernardo do Campo / SP – Brasil
E-mail: felipedonadon.x@gmail.com

Recebido em: 28/02/2021

Aprovado em: 24/03/2022